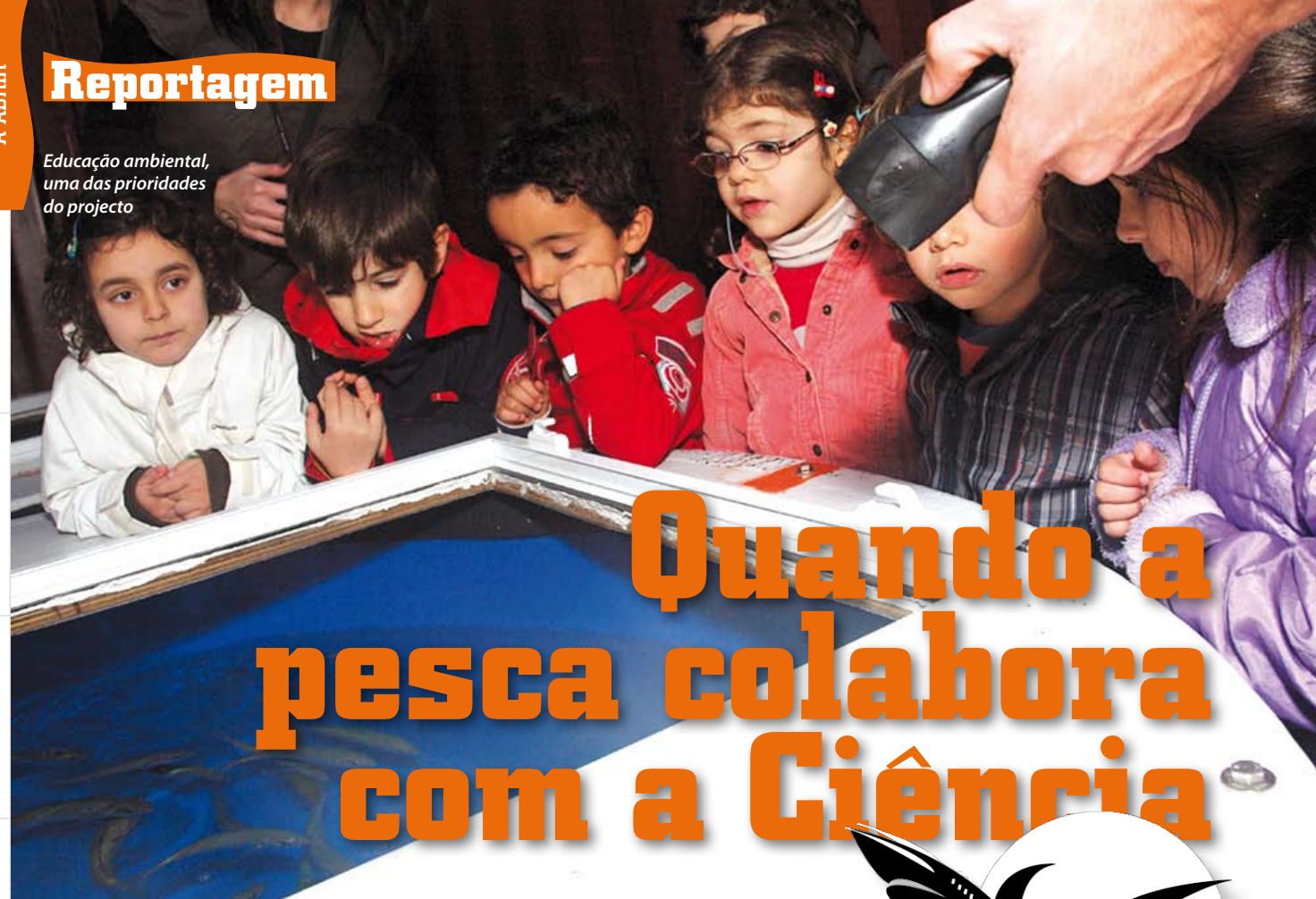


Educação ambiental,
uma das prioridades
do projecto



Quando a pesca colabora com a Ciência

Nem sempre a pesca desportiva serve apenas para dar prazer aos praticantes. Nestas páginas, veja um exemplo de como pode ser usada para aumentar a consciência ambiental em qualquer parte do mundo.

TEXTO: SUZANA MORAIS (WWW.FAIALTERRAMAR.NET)
FOTOS: AUTORA E FLYING SHARKS

Neste Inverno, tivemos um convite especial da Flying Sharks. Para quem não conhece, trata-se de uma empresa nacional de carácter inovador, criada por quatro biólogos que se dedicam à promoção da sustentabilidade dos oceanos. A principal actividade deste projecto é a consultoria a diferentes instituições com objectivos na educação e na investigação do ambiente marinho, incluindo a exportação de animais vivos para Oceanários e Aquários em vários cantos do mundo. Desta forma, dão a conhecer a existência e biologia de centenas de espécies marinhas que milhares de pessoas não conheceriam de outra forma, ganhando consciência da biodiversidade e da urgência da sustentabilidade dos nossos oceanos.

Preparação

Este ano, a Flying Sharks foi contratada pelo Oceanário de Istambul, na Turquia, para exportar mais de 3500 espécies de peixe e invertebrados. Dada a grandeza do projecto, a equipa dividiu esforços em Olhão, Peniche e Faial, e em três meses conseguiu colectar todas as espécies e organizar o transporte, mantendo em condições de qualidade e segurança a vida destes animais.

Para concretizar este projecto de exportação de peixes, a Flying Sharks assinou um protocolo com o Governo Regional dos Açores, que submeteu a iniciativa à fiscalização de um observador externo para confirmar as condições em que era realizado, contando ainda com a colaboração da Universidade dos Açores, da Administração do Portos

do Triângulo e Ocidente e da Capitania do Porto da Horta.

Em acção

No Faial, a equipa coordenada pelo biólogo marinho Telmo Morato ficou incumbida de capturar 1500 peixes de cinquenta espécies diferentes. Para isso, necessitou da colaboração de mergulhadores e pescadores profissionais. Os peixes tinham de ser capturados cuidadosamente, para serem transportados para viveiros móveis onde iriam permanecer até à sua partida para Istambul. E é aqui que entra o empenho da Faial Terra Mar: numa fase final do projecto, fomos contactados para capturar e manter com vida diferentes espécies. Preparámo-nos para o trabalho e colocámos um tanque com água salgada



Castanhetas, uma das espécies do projecto



As raias foram uma parte muito importante desta recolha

no porão do barco, ligado a uma bomba de oxigenação. Os dias de bom tempo foram escassos, o que nos obrigou a alguma astúcia para aproveitar todas as 'abertas' de bom tempo e ir pescar. O tempo para o final do projecto era curto e a nossa lista de capturas incluía raias, bodiões vermelhos, peixes-cão, moreias, barracudas, gorazes e abróteas, entre outras espécies que se encontram em habitats diferentes muito específicos. Isso obrigou-nos a utilizar diferentes técnicas de pesca e diferentes iscos, de amostras artificiais a iscos orgânicos, como a sardinha, o camarão ou até o caranguejo.

Por exemplo, a captura de barracudas em Novembro é extremamente escassa e

que habitam até aos 30 m em fundos rochosos e se alimentam de crustáceos e moluscos). Para os capturarmos, ancorámos aos 25 m em fundos rochosos, usámos isco orgânico, um único anzol, e o Luís pescava à mão para aumentar a percepção e sensibilidade do momento do ataque e para poder capturar lentamente o peixe, evitando 'acidentes de descompressão' por forma a que o indivíduo chegasse ao barco em boas condições e sem ser necessário intervir para esvaziar a bexiga natatória.

De seguida, passámos às raias, espécies que habitam entre os 10 e os 250 m em fundos mistos de areia. Como vários de nós já experimentámos, nas nossas pescarias aos pargos

Os peixes tinham de ser capturados cuidadosamente, para serem transportados para viveiros móveis onde iriam permanecer até à sua partida

difícil, e embora tenhamos utilizado os nossos trunfos, desde corrico, a amostras de superfície, e até isco vivo, não conseguimos, a água já apresentava temperaturas muito baixas (19 °C) para a ocorrência de espécies pelágicas migratórias. Assim, dedicámo-nos às espécies de fundo: primeiro os bodiões vermelhos e os peixes-cão (espécies costeiras

ou aos rascassos é frequente capturar raias, devido à natureza dos fundos mistos com muita areia em redor. No entanto, encontrar raias para este projecto chegou a parecer inacreditável, mas como a persistência é uma das melhores virtudes de quem pesca, esforçámo-nos até as descobrimos: o barco deveria derivar em zonas de fundo misto/



De saída para mais uma operação de capturas

areia, em profundidades de 50 a 150 m! O vento, porém, não permitia estas derivas e a melhor solução era ancorar e experimentar; se não corresse bem, ancorar noutras locais, até as encontrarmos. Após algumas tentativas, percebemos que estavam por volta dos 80 m de fundo. Continuámos a pescar com um único anzol e com a técnica de mão, mudámos para isca fresca e foi bem divertido ver a cana dobrada e a nossa alegria com cada nova raia. As saídas para abróteas e gorazes foram feitas por pescadores profissionais e todo o isco vivo que mantínhamos vivo no tanque era colectado pela equipa da Flying Sharks.

Conclusão

Foi uma lição fantástica, como é do conhecimento de todos a equipa da Faial Terra Mar orgulha-se de praticar uma pesca desportiva sustentável, em que 90% dos indivíduos capturados são marcados e libertados com vida — foi através desta atitude, que temos vindo a praticar e a ensinar aos nossos pescadores, que conseguimos esta participação neste projecto de captura e manuseamento de peixes em vida para exportação para um Oceanário no outro lado do mundo, um projecto em grande escala com fins de educação e sensibilização ambiental dos recursos marinhos. 🐟

Logística

Para ter noção da grandeza do projecto, os peixes foram transportados em dezanove tanques em contentores devidamente adaptados para o efeito, com a monitorização constante de dois técnicos. Segundo Telmo Morato, o transporte marítimo e aéreo (Faial/Lisboa/Olhão/Peniche/Istambul), por via aérea e marítima, dos Açores até à Turquia, tem um custo previsto de cerca de 200 mil euros, que não inclui as despesas da captura, nem os equipamentos utilizados na operação, como tanques, bombas, filtros e baterias, entre outros.

Esta é a primeira vez que a Flying Sharks exporta peixes vivos dos Açores, mas a empresa, criada em 2006, já tem uma longa experiência de transporte de animais marinhos para países como a Alemanha, os EUA e o Japão.